

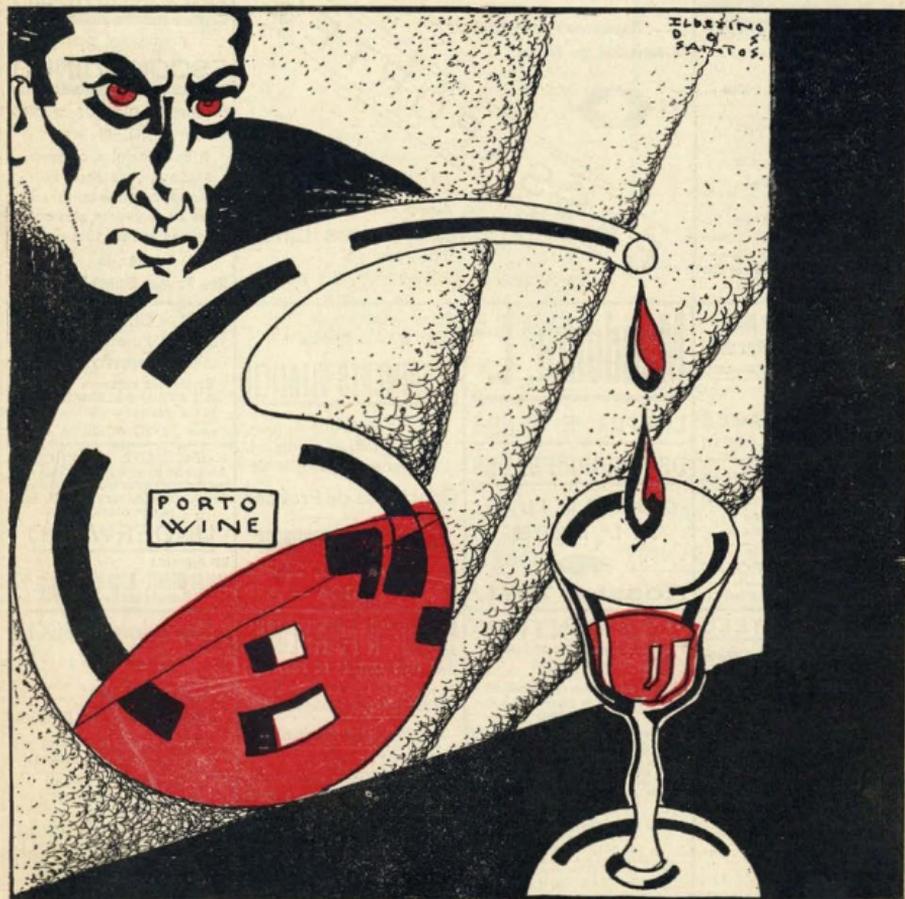
1º ANO reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

11 de Outubro de 1930

Numero 10



LÊR NÊSTE NUMERO: O rei dos rotulos de "Port-wine"... falsificado—O vam—
—piro do sangue real—A morte dos bôlos—Marquês sem camisa, etc., etc.—

GRANDE HOTEL DA BATALHA

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C.ª, L.ª

Magníficas instalações
Serviço de mesa primoroso
EXPENDIDA SALA DE JANTAR

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

TELEFONE, 247

MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PROPRIA
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.º

Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 66-PORTO-Telex. 4524
Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços módicos—Visita-lo e prefere-lo.

Proprietário — LUIZ CORREIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28
O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NOITES NOVAS VA-

RIEIDADES — «SOIRÉES»

Serviço de Restaurante e Gabinetes

ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Contructor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

mais confortável
mais completo
mais higiénico

Grande exito de todas as noites

Fados pela cantata: Iz Leonor Falhao—Expendidos salões de Jogos, Bilihares e Ping-Pong—Pequenos almocos, Lanches—Comentos todos os dias—das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

É caro? É! Mas no ESCONDIDINHO

come-se, porque o ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são célebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel — PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda?

EXPERIMENTE E VERÁ!!!

SAPATARIA LAGES

R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

MAQUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10500, com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

Rua de Santa Catarina — 84

Telefone: 2158 PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos
Preço 1500

À venda em todas as drograrias

COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a

RUA CHÁ, 129-132—PORTO

TELEFONES (Residência 2187

Mendonça, L.ª da

COMPRA E VENDA

DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL

EM .º HIPOTECAS

Rossio, 74-1.º

Quem quiser ter ou assegurar a outra pessoa um

RENDIMENTO VITALICIO

superior ao resulta da simples capitalização, deverá inscrever-se na secção de

Operações de Provisão

do

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Rua Augusta, 235

— LISBOA —

VISITE o CLUB RITZ

R. Fernandes Tomaz, 817

PORTO

Expendida orquestra «JAZZ»
A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do

— PORTO e LISBOA —

MODICIDADE DE PREÇOS
Antes de comprar uma maquina de escrever portatil ou para escritorio, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:
CARLOS DUNNELL - R. Sá da Bandeira, 62
Telefone: 1013 — PORTO

Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chics chapéus a prestações e com bonus
inscreva-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento

terá um bom chapéu no acto da inscrição

Chapelaria Portela

Telefone 1776

Praça dos Poveiros, 80
PORTO

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1859)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 65611.363833

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer melhores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a esculda o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFICIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.ª, Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 e 71

(EDIFICIO PRÓPRIO)

AGENCIA “A PORTUENSE”

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competencia —

Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15
PORTO



Um bolito apetitoso amassado pela Morte

HÁ dias, passando pela Avenida, fui imergido de mim mesmo pelo choque visual contra uma vulgar scena lisboeta. Passou uma velha com uma pequenita que moradia um bôlo sôrdido, pintado de grangelas encarnadas e lambuzado de um verniz lastroso. Um bôlo que parecia uma velha pintada. Era um bôlo com má cara, uma cara que já devia ter sido outra. Era um bôlo sintese de outros, tornado a amassar, tornado a cozer. Sentí então a curiosidade de perguntar: Para onde vão os bôlos velhos? Sim, porque nem todos os bôlos se vendem à primeira. A gente vê-os semanas a fio de encontro nos vitros das montras, secando, desbotando, esmigalhando-se.

OS TRAPEIROS DOS DÔCES

Para onde vão os bôlos velhos? Para alguma parte, decerto, e de que lugar não é com certeza o barril do lixo das doctrias... O bôlo velho já foi novo. Custou dinheiro. Tem de ser aproveitado, comido por aqueles que se não podem permitir o luxo de um bôlo novo... Ora êste sabem Deus e o pasteleiro do que é feito, quanto mais o outro, o que tem de ressuscitar à terceira semana, como um Deus mandrião, para vir envenerar os estômagos das crianças lisboetas. E disse comigo: Eu hei-de saber para onde vão os bôlos velhos.

E soube. Ora oia o leitor a história dos bôlos que se não comem:

Como há trapeiros dos barris do lixo, há trapeiros das pastelarias. Gente que se emprega em recolher os pastéis, as «madalenas», os «cakes», os palitos aviariados, para deles compôr um manjar que possa, debaixo de um aspecto novo, tornar a engodar os olhos dos petizes. O dono da pasteleria vende aquilo barato para limpar as prateleiras, e os bôlos velhos entram no laboratório. Ai sofrem tratos diversos, conforme o calendário. Em Novembro o bôlo velho vai ser o miúdo das primeiras brôas, daquelas brôas chatas, alastradas e anémicas, que se desfazem como areia e que aparecem pelas lojeças de má nota seis ou sete semanas antes do Natal.

Brôas de melo tostão que deixam ao revendedor quarenta por cento de lucro...

OS CADAVERES DE BÔLOS

Para essas são empregados de preferência os cadáveres dos bôlos sêcos, «madalenas», «cakes», «briches», bôlos de leite... Uma pinga de melaço ou de açúcar mascavado liga o pó e sai a brôa. Dos bôlos molhados faz-se outro genero de petisco. Uma fervura valente da massa para aquentar a azeida, restos de abobora coberta, raspaduras de latas de marmelada, o imprescindível açúcar mascavado para ligar, caramelo ou qualquer tinta que dê uma côr de chocolate ao todo, e esta feita a mistela a que chamam pudim romano,

A Morte dos Pastéis

QUAL É O TRÁGICO FIM DOS BÔLOS VELHOS

CASTELO DE MORAES

bôlo de chocolate ou qualquer outro nome sugestivo. Depois de cortada a massa em cubos, besuntam-lhe o tópo com farinha e gôma, espalham grangela corada com anilina e vai o veneno para os tableiros das bolacheiras...

AS GULOSEIMAS DA PRIMAVERA

Na Primavera, o destino dos bôlos velhos é outro. E' o tempo das especialidades. Os bôlos velhos são aproveitados em «sêrie» e pelas montras aparecem aos montes guloseimas regionais a preço barato—7, 8 e nove escudos o quilo. São «Argolas» de Sintra, «Preciosos» de qualquer parte, «Delicias» de Fanhôes, o diabo a quatro... Essas porcarias são melo apresentadas. Uma poeira de açúcar pilé dá-lhes o aspecto de coisas finas, um torrado «fonce» deixa prever um sabor a bôlo caseiro. Ali não há grangelas nem vernizes suspeitos. Aqueles bôlos velhos têm cara de bôlos novos, estão bem maquiulados, têm ar de pessoas finas. E' esta a época da grande varredura. As migalhas de todas as caixas de bolachas, o fundo de todas as gavetas, todas as cavacas das Caídas



Um laboratório infernal transforma o doce veneno em doce novo

que empederniram, todos os palitos à la Reine que se desfizeram, o açúcar sacudido dos fundos das sacas, os restos mortais dos bôlos sortidos e dos biscoitos «Combinação», tudo enfim que é susceptível de ser moído, triturado, amalgamado, incorporado em pasta, e cozido num forno, está ali

baptizado e crismado como delicia regional para engodo de turistas e regalo de indigenas. Bem entendido, todos êstes bôlos têm ovos, ovos amarelos como açafrão, ovos como nunca puseram as galinhas do Eldorado. Nem todos os mixordelres empregam a mesma tinta, mas todos são pródigos na côr.

O uso da tinta depende do tom que a massa tomou depois de misturada e assim vai do amarelo «curcuma» ao açafrão torrado.

OS LABORATÓRIOS DA MORTE

E os fermentos, os bolôres, a podridão que êsse colorido mascara?

Senhores da Fiscalização, há em Lisboa varios laboratórios de analyses quimico-fiscaes. Em qual deles dão entrada os bôlos que se vendem pelas ruas?

Não será preciso que uma lei severa ciba a preparação dessa mixordia perigosa que tenta a gula das crianças e lhes envenena o tubo digestivo povoando-o de fermentos e podridões?

Quasi todas as crianças de Lisboa sofrem de «enterite», são barrigadas, pálidas, oibrentas e tristes. E' absolutamente necessário defendê-las do veneno facil que os mixordelres lhes impingem salpicados com açúcar duvidoso e corado com substancias misteriosas. E já não falamos de todas as poeiras, de todos os germens, de toda a sujidade que o vento lança para cima dos tableiros da venda ambulante e para dentro das montras das lojeças sem resguardo.

E' urgente que o bôlo velho encontre antes da sua reincarnação uma lei que o inutilize e lhe dê o destino a que as suas qualidades movias tem direito. Esse destino não é certamente o estômago de uma criança.

A pessoa a quem devo parte das informações contidas nesta reportagem concluiu-as assim:

—Durante muitos anos vivi na Graça, num prédio vulgar, num prédio que tinha cave. Nessas caves habitava um casal apocáptico, conhecido pelo bairo «Papa-Arroz». O apôdo vinha não do super-abundancia japonesa do arroz nas suas refelpões—mas da sua constante glotonaria. Passavam o dia a comer de tudo, estomadamente, insaciavelmente. Nas mercearias e nos talhos do sítio admiravam-se do consumo daqueles clientes —e admiravam-se pelo apocáptico modo de pagamento. Toda a noite, até ao nascer do dia, via-se luz através as estreitas janelas da cave. E rara era a semana que o marido não trazia para casa, em carrinhos de mão, caixões bem vedados e de impossivel investigação do conteúdo. Pois bem. Descobri um dia que os «Papa-Arroz» eram dos maiores industriais de bôlos baratos. Andavam pelas confeitarias a arrematar os bôlos velhos, quasi podres, e de noite, como alquimistas medievais, faziam a metamorfose da morte em vida, fabricando de bôlos novos, bôlos assassinos, que vendiam a revendedores... E todo o lucro dessa ignominia era para comer, para dilatar o estômago de paquidermes, para saciarem a gula infinita—mas jamais—putera!—provavam um bôlo sequer daquelles que fabricavam...

Pobres crianças lisboetas!

“REPORTER X” registou mais um retumbante triunfo

Sôbre os êxitos que em todos os números, desde o inicio da sua publicação, *Reporter X* vem registando, há a assinalar mais o retumbante triunfo do nosso número transacto, que era de 20 páginas e consideravelmente melhorado. A-pezar-de ter saído um pouco atrasado, por motivos alheios à nossa vontade, o público acolheu o *Reporter X*, cuja tiragem fôra consideravelmente aumentada, com um entusiasmo que muito nos sensibilizou, esgotando-o rápidamente.

COMO FOI PRÊSO O GUNGUNHANA

Domingos Carneiro conta ao "Reporter X., o episódio da prisão do grande chefe vátua, evocando a figura audaciosa e nobre de Mousinho de Albuquerque

ESTÁ na minha frente, esquelético, um bigode minúsculo, bem aparado, grisalho, cabeleira curta, como um bloco de neve, os olhos vivos no rôsto comprido, sulcado de rugas, o Domingos da Silva Carneiro, um valente esquecido, que Mousinho de Albuquerque estimava como a um irmão.

Fala-me com entusiasmo do seu pas-



Domingos da Silva Carneiro entrevistado pelo jornalista Rebello de Mesquita

sado, que é um pouco do passado glorioso da gente lusa. Através da sua palavra rude, mas entusiástica, tenho a visão das paisagens estranhas da África rebelde, das populações negras amotinadas, dos combates heroicos, dos mil sofrimentos das tropas expedicionárias e da figura nobre e simpática dêsse Mousinho de Albuquerque a cuja vida heroica uma bala de suicida pôs súbito termo.

— Em 17 de Dezembro de 1891 — evoca Domingos Carneiro, com saúde — assentei praça no 18, 5.ª Companhia, 2.º Batalhão do Regimento do Príncipe Real, cabendo-me o n.º 115.

«Um dia, estava eu em Guimarães, quando chegou uma ordem para que quem quisesse embarcar para a África, na segunda expedição, durante o período da guerra com o Gungunhana, que se inscrevesse, poderia ganhar muito dinheiro — o eterno sonho de quem é pobre — e inscrevi-me.»

Domingos Carneiro, conhecido pelo «Liques», alcunha que lhe puseram em

África, está visivelmente perturbado ao evocar os transes emocionantes por que passou há perto de quarenta anos.

MARCHAR COM A GLÓRIA OU FICAR COM A MORTE

— No dia anterior — conta êle, gesticulando, entusiasmado — tinha havido combate rijo. O prêto atacara com violência sendo repellido, não sem que tivesse causado muitas baixas aos portugueses. Logo de manhã, o nosso comandante Mousinho de Albuquerque falou-nos desta maneira: «Rapazes! Os vátuas são daqueles de aptes quebrar do que torcer. Pois bem: quem quiser acompanhar-me dê um passo em frente».

Calou-se o nosso simpático entrevistado, revivendo intimamente êsse momento em que se decidiu da sorte das armas portuguesas, devido ao heroísmo de um punhado de bravos. Depois prosseguiu, de olhos húmidos, que exprimia a mágoa que lhe ensombrava o ânimo:

— De tantos homens que escutavam o apelo do bravo comandante, apenas quatro e cinco deram o passo em frente. Mousinho olhou-nos com tristeza e disse-nos: «Só vós, então, sois guerreiros?» E tomando-se para os outros, os que recearam acompanhá-lo: «Ou vinham com a glória ou ficavam com a morte». E sorriu um sorriso mixto de piedade e de traça.

UM «TRUC» PERIGOSO — MUITA AUDA- DÁCIA — A QUEDA DE UM ÍDOLO

No dia imediato, foi-nos contando o modesto militar, Mousinho embarcou na lancha *Lacerda* com os homens que se prontificaram a acompanhá-lo, levando consigo um prêto — o «língua». Subiram o rio e desembarcaram nas proximidades de Chaimite onde acamparam. De manhã seguinte, iniciaram a exploração por entre matagais tenebrosos, povoados de fêras e reptis. Prenderam 17 prêtos, todos espias de Gungunhana. Foram sempre caminhando. A frente seguia Mousinho, o capitão médico Lencastre, de Braga, e depois o cabo Carneiro, o mais graduado a seguir aos dois primeiros.

A determinada altura um prêto avisou-os: «E além, por entre aquelas arvores, o reduto do Gungunhana». Mousinho, então, chamou cinco corneteiros

que os acompanhavam, mandou servir dois decilitros de vinho a cada um, e ordenou que fizessem uma cova funda, onde mandou meter três corneteiros.

— Formámos a dois — foi contando o cabo Carneiro. — À nossa frente, dois clarins tocavam a marchar. E marchámos forçadamente. Atrás, na cova, os clarins que ficaram, tocavam também com quanto fôlego tinham. Dir-se-ia que um exército de muitos milhares de homens marchava através da selva. De súbito na nossa frente erguia-se uma habitação esquisita, espécie de circo de cavalinhos numa feira de província. Era ali! Para lá corremos de baioneta calada. Os prêtos olhavam-nos espantados. A porta estava fechada, mas o nosso comandante arrombou-a com um pontapé brutal. Gungunhana, surpreendido, ergueu-se à nossa chegada. Tudo isto se passou com grande rapidez.

«Dirigindo-se ao rei negro, Mousinho de Albuquerque disse-lhe, enérgico, fulminante: «Entregue-se, ou então será tudo isto arrazado! Ouça o toque das tropas que nos acompanham na receta-



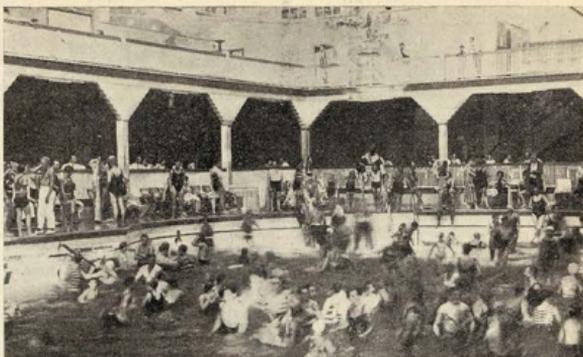
— No dia anterior tinha havido combate rijo —

guarda!» Efectivamente os corneteiros, que tinham bebido vinho com pólvora, faziam um ruído infernal. Gungunhana escutou os clarins e os tambores e, julgando-se cercado, entregou-se. Tinha caído para sempre o poderio dêsse grande chefe negro, a cujas qualidades guer-

(Conclui na pag. 15)

O PORTUGUES QUE MORREU DE AMOR EM BERLIM ERA UM DOS CABECILHAS DA "TRAULITANIA?"

REPORTAGEM DE BELO REDONDO



A grande piscina de Wellenbad em Berlim

WELLENBAD, a grande piscina de ondas artificiais de Luna-Park, estava quasi deserta, naquela tarde. Eu destinara-lhe, porém, o meu dia, porque um estrangeiro, em Berlim, e especialmente quando é jornalista e tem de conhecer e observar o máximo, precisa de bem aproveitar o seu tempo. Deixei a longa fila multi-color dos "cabarets" e das barracas de diversões onde a alegria esperava as primeiras horas da noite para ressurgir nos diabolismos da luz, da música e da cor, e entrei no grande pavilhão. A volta da piscina as mesas estavam vazias. E no enorme lago, agitadas as águas por uma pá de ferro que, assim, dava aos banhistas a ilusão de se encontrarem no mar, havia uma dúzia de rapazes e raparigas — estudantes em férias ou trabalhadores sem emprego. Quando entrei, divertiam-se a fazer jogadas de "water-polo". Chamei o criado e pedi uma cerveja. E quando inventaríeis os personagens daquela scena tão curiosa para os meus nervos de meridional — as raparigas, quasi nuas, exibiam, com requintes plásticos, a encantadora expressão das suas formas — fixei, especialmente, uma que devia ter vinte anos, vinte anos alvo-rapado de gargalhadas e de modicidade, com uma linda cabeleira fulva e uns belos olhos azuis.

O meu tipo de homem do sul pareceu despertar-lhe a atenção e, num momento em que os seus olhos se perderam nos meus, entendi que devia erguer-lhe o meu copo, para saudar a sua beleza. Ela sorriu e agradeceu, inclinando a cabeça. Comecei, então, a perguntar-lhe com a vista, sem impertinência mas com uma tenacidade que a li-songueava — percebi-o bem. E, pouco depois, notei, com emoção, que ela se dirigia, nadando, para o lado do camarote que eu ocupava. E, logo que tomo pé, saí da água, perturbadora e linda, os seios erectos arfando ao cansaço do esforço que fizera, e dirigiu-se-me. Dialogo o seguinte:

— Pode fazer-me o favor de chamar o criado?
— Quer, porventura, tomar alguma coisa? — perguntei-lhe, em francês.

— Sim, um copo de leite.
— Porque não me dá, então, a honra de sentar-se à minha mesa?

— Aceito, com o maior prazer.
— Correu à balaustrada a buscar o seu roupinho, en-volveu-se tanto nêle e subiu a pequena escadaria

que conduz aos camarotes. Com um sorriso encantador apresentou-se logo:

— Chamo-me Ever. E o senhor?

— Ernesto.

— E francês?

— Não. Sou português.

— Oh!... Português?...

— Sim, português. Porque a espanta assim que eu seja de Portugal?

— Uma simples coincidência... uma recordação triste...

E sentou-se, desolada. Os seus olhos pareceram ensonbrar-se; julguei mesmo ver nêles o rasto fugidio de uma lágrima... E, vivamente interessado aa descoberta daquele mistério, falei:

— Perdoe a minha curiosidade. Mas não sei nem compreendo como a minha qualidade de português possa assim entristecer uma rapariga tão linda. Em nenhum outro país as mulheres são tão amadas como em Portugal... Qual é, pois, o motivo de seu desgosto?

O criado veio servilisa. E Ever, muito comovida, contou a razão da sua dolorosa surpresa:

— Em 1919, ainda em plena revolução, eu vivia em Alt Moabit com minha mãe e minha irmã Jütter. Meu pai, oficial do Exército, morrera nos campos de batalha, nos últimos dias da guerra, deixando-nos na miséria. Fallando-nos o amparo do seu braço, minha mãe entrara como costureira nos grandes armazens Tiszt; Jütter fizera-se guardalivros num escritório comercial e era eu quem, a-pezar-de muito nova, tratava do arranjo da casa. Ora, ai por alturas de Junho dêsse ano, succedeu que Jütter se apaixonou por um belo rapaz português, alto, com uma farta cabeleira preta e um bigode de longas pontas.

— O nome d'ele qual?

— Como tínhamos dificuldade em pronunciar o seu apelido, só Jütter é que o sabia. Nós chamavamos-lhe, simplesmente, Eduardo. Era do Porto, dessa cidade do bom vinho, falava muito bem o alemão e empregava-se a fazer traduções. Não podia regressar ao seu país, de onde viera fugido, por ter entrado numa revolução.

— Que revolução? Uma que se fez no Porto, para implantar a monarquia?

— Não o sei, Eduardo, que eu nos visitava muitas vezes, explicou tudo isso, mas eu era muito nova e não me interessava, como calcula, a politica portuguesa. Lembrou-me apenas de que ele amava loucamente Jütter, com um amor estranho, absorvente, feito de ciúmes que, por vezes, o transformavam. Para onde quer que ela fôsse, acompanhava-a sempre e, apezar da doçura e da delicadeza do seu trato, não consentia, sequer, que minha irmã m'olhasse para outros homens. Nunca pudemos compreender uma coisa assim...

— Sua irmã sujeitava-se?

— A principio, sim; mas, depois, passou a considerar-se como uma escrava e revoltou-se. Pós-

-lhe o problema; amava-o, mas não queria ver-se perseguida pelos seus ciúmes, aliás injustificados; não queria fazer o sacrificio da sua liberdade, como, parece, succede em Portugal.

— E êle?

— Rompeu relações com Jütter. Mas por pouco tempo. Um mês depois voltou e fez as pazes, prometendo dominar-se. E uma noite, ai por Setembro, trouxe Jütter para aqui, para Wellenbad. Vestiram ambos os seus fatos de banho e, rindo e brincando, meteram-se à água. Jütter teve, porém, a infelicidade de encontrar na piscina um antigo condiscipulo, com quem brincou tambem, na innocente liberdade com que se brinca aqui dentro.

Ele não resistiu áquilo que supun ha ser um affronta ao seu amor e saiu logo, sem se despedir. Jütter, resolveva a ser forte, fingiu não dar por isso — e ficou.

— As consequências?

— Uma hora depois, em casa, recebíamos a noticia de que o português metera uma bala na cabeça. O amor fóra mais forte do que ele...

— E Jütter?

— Nunca mais teve alegria, a pobrezinha! E morreu há dois anos, a dizer o nome daquele português que a amara como nenhum homem amou ainda.

Ever chorou, ao recordar isto. Eu fiquei tambem comovido, por momentos, á evocação do sacrificio daquele rapaz que pagara com a vida a grande illusão da sua aventura.

Mas um outro copo de cerveja, na atmosfera tépida de Wellenbad, acabou por restabelecer o equilibrio dos meus nervos. E, já com as minhas mãos nas de Ever, ousei perguntar-lhe:

— Quer dar-me o prazer de vir mostrar-me um dos mais lindos parques de Berlim?

— Não, não posso — disse, levantando-se — Peço-lhe desculpa, se lhe desagradou, mas nem me teria sentado à sua mesa, se soubesse que você era português...

— Porque, se eu fui estranho á desgraça que me acabe de contar?

— É que eu tenho medo do amor dos portugueses...

BELO REDONDO

Como se faz escravatura branca em Portugal

Por absoluta falta de espaço sómos forçados a adiar para o próximo número a publicação da reportagem, que tanto interesse vem despertando, intitulada *Como se faz escravatura branca em Portugal*.

A METAMORFOSE DOS TEATROS

A PROPÓSITO DA PSEUDO-VENDA DO TRINDADE À COMPANHIA DOS TELEFONES

Pairaram na atmosfera da imprensa os balões coloridos do boato sobre a venda do Teatro da Trindade, por 5000 contos, à Companhia dos Telefones. E logo os pessimistas os transformaram em Zeppelins para o raid da decadência do teatro — aproveitando o on-dit como sintoma da agonia, o glu-glu do estertor. O teatro morreu! — berraram eles. O cinema destronou-o, apunhalou-o. Começou já o desbaratar das próprias salas de espectáculos — os templos de arte, testemunhas, alguns deles, das noites gloriosas dos Rosas, do Brazão, do Antonio Pedro, do Taborá, do Santos Pitorra, da Rosa Damasceno, da Virginia — vendidos às empresas industriais, comerciais, aos argentários estrangeiros, sem espírito e de sensibilidade neutra ante todos os clarões da Beleza e do Génio. E o teatro, senhores, significa ainda hoje o pão de dois mil e trezentos trabalhadores — artistas, figurantes, operários, etc.; o pão de 2.300 famílias; de 2.300 famílias que não ficar definitivamente sem pão para que as grandes empresas internacionais construam os seus cofres gigantescos sob os mesmos tectos onde se representaram Frei Luis de Sousa, A Morgadinha, etc., etc.

De facto os teatros, situados de preferência nos melhores locais da capital,



Teatro Apolo

ocupando grandes terrenos e oferecendo paredes artisticamente montadas e fachadas — na maioria — imponentes, são um verdadeiro engodo para essas Empresas que necessitam dilatar o seu campo de acção em ritmo com o desenvolvimento do negócio. E se fosse verdade que a Companhia dos Telefones arrebata-se o Teatro da Trindade para instalar as salas de ligação, abria-se um precedente que encaminharia outras companhias a idênticas transacções. Veríamos o Teatro Apolo transformado na Companhia Internacional de Empréstimos sobre Penhores; o Avenida na Companhia de Leite Esterilizado — em recordação de vários factos passados; o Gimnásio, em «Restaurante Ultra-Moderno»; o Maria Vitória, em Companhia Industrial de Iscas e Farturas para Exportação; e o Variedades, de Depósito da Companhia de Carnes... Verdes (?) Congeladas... O nosso Alexandre de Almeida compraria por qualquer preço o Nacional e o S. Carlos para fundar dois grandes Hotéis, dois Palaces, dois «Claridges»... No palco onde os mais famosos cantores italianos entoaram o La Donna é mobile... estabelecer-se-ia o grill-room com belo serviço de frios e quentes... Os camarotes onde os nossos avós secaram as lágrimas ante as trágicas tiradas de Teodorico e de Maria Adelaide seriam transformados em apartment de luxo,

com sala de banho... A especialidade da cozinha do Nacional Palace-Hotel seriam as perdes; e os fogões do S. Carlos Palace-Hotel, em vez de carvão, funcionariam com covões...

Mas não se lamentem antes do tempo — os pessimistas. De todos os senhorios, ainda os que cobram mais quantias rendas são ainda os proprietários de teatro; e um conhecemos nós que, apesar de receber apenas uma percentagem



Teatro da Avenida



Teatro de S. Carlos

sobre as receitas e de possuir uma das salas de espectáculos menos venturosas — nunca lucra menos de 400 contos anuais. Os outros atingem por vezes mil e dois mil contos.

Afinal de contas a decadência do teatro é um caso eloquente de auto-sugestão colectiva.

R X O Marquês de Sagres sem camisa R X

PARCECE que o Zé de Oliveira, vulgo Marquês de Sagres, tem a mania da celebridade. É natural que a tenha, porque a obsessão, que o acompanhou desde pequenino, de passar por um titular ilustre, com pergaminhos velhos e braço não significa, não revela outro desejo intimo senão o de se elevar, por qualquer forma e através dos meios mais vergonhosos, acima dos seus semelhantes (salvo seja) esmagando-os com o seu poder, deslumbrando-os com a sua pompa.

Sendo assim psicologicamente — como tudo o Zé de Oliveira deve estar contente comenos, porquanto nestes últimos tempos pouca pessoas terão contribuído com tão boa vontade como nós para tornar o seu nome e o seu título célebres em todo o país. De norte a sul é presentemente discutida a sua personalidade e, pela correspondência que de todos os lados temos recebido, se deitará quão extensa se tornou a fama do homem que nos queria comprar pela miséria quantia de cinquenta contos.

E tanto o sr. Marquês alaga com volúpia no seu intimo a celebridade que o illumina em cheio, como um holofote que resplande no negro da noite, põe em relevo um objecto distante, que há pouco tempo, quando a imprensa citou o seu belo titulo, a propósito da malladada queozido das notas de 500 escudos, tipo «Vasco da Gama», o illustre titular disse para alguem:

«Neste momento há só duas pessoas célebres em Portugal: eu e o «Homem Macaco».

E'elle a frase e não menos feiz a comparação. O «Homem Macaco», porém, talvez não goste da sua.

—UMA CONDENAÇÃO SUSPENSA POR DOIS ANOS—

Mas o sr. José de Oliveira não é apenas célebre desde que a nossa humilde península se occupa. É certo que nestas últimas semanas mais fortemente incidu sobre elle a luz da publicidade. Mas a base — a sólida base — sobre a qual se sustenta inabalavel a sua fama e constituida pelas suas próprias aventuras, que não pelas nossas desprezaveis e humildes palavras. Nós, perdemos-nos a imoedestia e o arrojo da imagem, sómos como um épico inspirado que canta os feitos de tão illustre pessôa. Os feitos, porém, já não são o herói, os contos e contos. Se elles não existissem não existiria o poema — em prosa.

E a propósito de feitos, um nos occorre agora que não relatamos com nidez porque nos falham os termos para não nos fazermos comprehender apenas pela metade masculina dos nossos leitores. No entanto, não vamos ao máximo de subtilidade, diremos que há tempos o sr. Marquês foi, por estranha delinquência, arremessado para o Tribunal dos

Recordam-se alguns factos da infância do então futuro titular, que eram já o prenúncio da formação moral do actual Zé de Oliveira, vulgo Marquês de Sagres

Pequenos Delitos, de onde, miúdo a custo, o arrancou a illustre advogada, Dra. Regina Quintanilha, com uma condenação de três meses de prisão correccional suspensa por dois anos.

Por isso o sr. Marquês se regarda melhor no seu ninho da rua Eugénio dos Santos, onde o hymeneu secreto se oculta



Um módo de frater que vai empunhar os objectos do marquês conversando com o nosso redactor

para lá de uma porta disfarçada por um espelho.

São estas aventuras e não os nossos artigos a vendediaria barba, o pedestal firme sobre o qual se ergue a celebridade do Zé de Oliveira, natural de Sagres.

MENINO E MOÇO NO LICEU DE AVEIRO — MAUS PRENUNCIOS QUE SE CONFIRMAM

O Marquês, mesmo antes de o ser, teve sempre uma constituição nervosa muito frágil. Aqueles nervos — ah, aqueles nervos! — atormentaram-nos desde menino e moço. Quando andava no Liceo de Aveiro e era um rapazito lido, de pernas magras, ao léu e ademanes delicadissimos, sofria torturas com os namorados. Passava o tempo de escrever epistolas, e a preocupação do amor, umas vezes felizes, outras infelizes, não lhe deixava as horas livres

para estudar. Era, portanto, um estudante cabala. Chamado à lição, simulava um ataque de nervos para occultar a sua ignorância e comover os professores.

Pois, ainda há pouco tempo — tantos anos vividos — sempre habesbaos infantis de mau prenúncio — também simulo um ataque de nervos, quando foi acareado com o Dr. Gonçalo Casimiro por causa do crime das notas de quinhentos escudos que elle, com a sua habilidade, em parte forjou. Teve um deliquio, o bom Marquês; fez-lhe mal encostar de frente uma pessoa que atraioçava indignamente.

COMO SE RESOLVEM SITUAÇÕES DIFICILS — ZÉ DE OLIVEIRA COMPRA JOIAS

Como se vê, a linha moral desta criaturinha de temperamento delicado vem já delineada de longe. Se de «pequeno tivemosse torcido o pepino» elle não teria surgido agora tão mauzinho.

Muitas vezes as aparências iludem. Nem tudo o que luz ao Marquês é ouro. Apezar-de em certas épocas as finanças d'este modernissimo titular se mostrarem prosperas, mercê de bons e grandes negociôes em que se meteu, outra lá, porém, em que Sua Excelência anda afflito com falta de dinheiro. Soit, como qualquer de nós, plebeus que não fazemos grandes negociôes, afflicções economicas dizeites de debellar. Ultimamente atravessa elle uma das crises agudas. Nestas occasiões, o banco *brasseur d'affaires* lança mão de todos os meios para se equilibrar no barco oscilante da vida. De um expedientes a que frequentemente recorre, é na verdade original, engenhoso. Contam-nos-lo há dias e nós reproduzimo-llo conforme no-lo impingiram.

O illustre Zé de Oliveira entra, entãntico, solto, em uma joalheria das mais conhecidas, onde o seu titulo de *Alca* inbargen logo produz um ambiente proprio de simpatia. «Que deseja o sr. Marquês?... que não deseje?». O sr. Marquês quer uma joia. Deita-se abaixo as precatricas para o sr. Marquês escolher. O sr. Marquês tem gostos requintados, superiores, e não se desceja. O sr. Marquês quer uma joia. Esta joia não lhe agrada porque sim, aquela porque não... aquela outra porque sim e não ao mesmo tempo. Até

futuro titular, que eram já o prenúncio da formação moral do actual Zé de Oliveira, vulgo Marquês de Sagres e outras alcunhas expressivas

que, por fim, após longas locubrões, Sua Excelência escolhe uma das mais caras, das mais famosas, conforme exige o seu apurado gosto e a pompa do seu nome. A joia é para dar de presente a uma das mais numerosas amigas... O sr. Marquês compra-a, mas não a paga... Não importa. Quem não confia um bom par de contos ao sr. Marquês, que tem amigos e relações em toda a parte? Quem irá desconfiar de uma pessoa que se dá com banqueiros, vendeu o Conventinho a José Bandeira, tem propriedades para os lados de Alhandra, possui uma leitaria «chic» e vive em um palaceté na Avenida da Liberdade? Sim, quem irá desconfiar? E o sr. Marquês leva a joia a crédito. E a joia é confiada a um módo de fretes de confiança, que a coloca immediatamente em uma casa de penhores conhecida.

COMO SE MANHA SEMPRE EM NEGÓCIOS — A HISTORIA DE UMA VENDEA DE CORTIÇA

Depois do tempo corre. O sr. Marquês tarda em pagar a conta ao joalheiro. Este impaciencia-se. Persegue o sr. Marquês com a conta avulada, até que o illustre titular inventa outra manobra financeira de igual calibre e com o seu produto paga finalmente ao credór arreariado.

Vejamos agora, pois também é interessante, por que forma o sr. Marquês consegue ganhar sempre nos negociôes em que se metê. Havia um negociante, cujo nome não é para aqui chamado, que pretendia comprar cortiça. O Marquês affirmou immediatamente que tinha grandes quantidades d'este produto para vender.

Não há nada que o sr. Marquês não tenha para vender, excepto a honra — porque a perdeu há muito. É claro, portanto, possuia em grande quantidade, mas — negociou sal negociôs — e o illustre de Sagres exigiu uma caução de cento e tantos contos. Sim senhor, o negociante, de boa fé, e mais tratando-se do sr. Marquês, em quem depositava uma confiança illimitada, e ainda porque era um commerciante honrado, prestou-se a entregar essa caução, o que fez por meio de uma letra no Banco Nacional Ultramarino. A firma do comprador era credi-

tada e o aludido Banco não teve duvidas em fazer o desconto.

Decorram dias sobre dias, o Marquês não entregou a cortiça porque não a tinha, porque talvez nunca lhe tivesse passado pela idéa obtê-la para a entregar ao referido commerciante. Até que, findo o prazo da letra, o Ultramarino mandou cobrar o seu montante ao negociante, que esperava



Uma casa de penhores muito conhecida do Marquês

em vão as primeiras remessas da famosa cortiça. Quando lhe exigiram o pagamento do que nunca chegou a comprar, deu por paus e por pedras. Berrou, barafustou — e com razão. E o Ultramarino, ao que parece, resignouse a guardar a letra inutil, aquelle papel que nada valia afinal — que nada valia nem para o Banco nem para o commerciante intriguado, mas que muito valia para o sr. Marquês, que, à data do vencimento, já devia ter gasto a boa maquia a montar casas para os empregados e *chaffeurs* da sua intimidade...

UMA BOA NOTICIA PARA OS LEITORES E... A NOTICIA DO MARQUÊS

Forçados como fomos a occupar mais espaço do que destinavamos ao caso Marquês de Sagres (e no nosso espaço é precioso) damos hoje aos nossos leitores a grata novidade de que não esqueceremos sobre este assunto pôro senão um artigo, que será inserto no próximo nú-

mero. Só obrigados por circunstancias imperiosas tratamos esta promessa. Não queremos, por mais tempo, adular com os nossos réclames gratuitos a vaidade morbida do Zé de Oliveira — porque elle é como os criminosos que chegam a praticar façanhas repugnantes só para que a imprensa tome célebres os seus nomes.

Não, não queremos que o pseudo Alvaes Pereira (que nos perdeu o quarterio e santo) nos ofenda com a sua gratidão. Portanto, só mais um artigo, intimo, definitivo e irrevogavel. Até sabado, leitores.

MARIO DOMINGUES

* * *

P. S. — Não se esqueceram, de certo, os leitores de termos affirmado no anterior número do *Reporter X* que lóra o sr. Morais de Carvalho, jornalista que julgamos andar de boa-fé metido neste questôo, quem, em nome do Marquês de Sagres, propusera o submôdo d'este jornal.

A propósito desta nossa declaração, o sr. Morais de Carvalho escreveu-nos uma carta, que chegou tarde, quando esta página se encontrava já fechada. Entretanto, não queremos deixar de fazer d'este já uma referencia, reservando para o próximo numero os comentarios, alguns bem curiosos, que tal documento nos sugere.

Não traçamos já esses comentarios porque a aludida carta, pelo tom em que está escrita, exige para d'elles bom espaço e melhor disposição de animo. Hoje poderíamos ser sécos demais e talvez inconvenientes. Ora, um jornalista como Morais de Carvalho deve ser tratado com mais atenção.

Fica, portanto, toda essa atenção e o nosso melhor carinho para o próximo numero.

M. D.

REPORTER X ENCONTRA-SE A VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogal no
Gama
Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Vinho do Porto... "nada" em todo o mundo

O NEGÓCIO SECRETO DOS PORTUGUESES QUE COLABORAM COM OS FALSIFICADORES ESTRANGEIROS

REINALDO FERREIRA

UMA vez, há muitos anos, esse profeta do jornalismo de amanhã que foi o pobre Afonso de Bragança, apontando-me um conhecido falsificador de selos... raras para colecionadores de todo o mundo, cochichou-me ao ouvido algo que nunca esqueci: «Nunca a imaginação dos sábios em busca de inventos sublimines se abicará na mesma agudeza de certos crápulas buscando formas subitas de burlar o semelhante.» Este indivíduo que vou apresentar, que vive, respira e goza a vida como aqueles que a gozam, gozando também os salameletes das espinhas doras flexíveis e o respeito dos que têm a sua generosidade sem glória — enroupi-se à justa no comentário de Afonso de Bragança. Em Vila Nova de Gaia, onde ele vive num «chale» catita, com piano, gramofone e T. S. F., e onde éle nasceu taneiro como essa vítima da própria vitória, muito mais legítima do que a dele, que foi o desventurado Marques de Sá — esbajando da sua riqueza, homicida em defesa da sua vida e abandonado pelos seus exploradores quando a justiça o condenou, todos o conhecem e todos se intrigam com o segredo da sua rápida fortuna.

QUEM É ÊLE

Não conhecem os senhores outra coisa... Baixo, bem formado de carne, barítono sempre «em voz» como os cantores de ópera, sobranceiras recuadas, mongolicas — algo de Meffistofeles, mas dum Meffistofeles bochechudo, gorduroso, com Falstaff à mistura. Sua no inverno como um africanista atravessando a linha tropical. Come no «Madrieno» do Porto, hospeda-se no «Alama» de Lisboa e possui, na capital, escritórios instalados na rua da Madalena...

«PORT-WINE»

Há muita gente que atribui ao fino espírito boulevardiano de Eduardo Garrido aquela sua descoberta de nma tableta, nos bairros industriais de Hamburgo, em que se lia «Fabrica de Vinho do Porto». É uma injustiça. Em 1919, quando a Agência Americana me expeditu telegraficamente a grande cidade marítima da Alemanha para fazer a reportagem da revolução dos «partakistas», o que era então ajudante do nosso consó levou-me a Grün Braun Platz, n.º 77 a 79, onde, embora embaudrecido por mais de quarenta anos de existência, se vê ainda a tableta. O nosso vinho do Porto é um valor mundial. Podia ter, se quisesse, a mesma situação nas Bolsas do que os petroleos e os diamantes. Com uma diferença: os petroleos irrompem na América, na Índia e no Cáucaso; os diamantes escodem-se nas entranhas da terra, no sul da África, no oriente asiático e na Austrália. «Port-wine» — o sangue desses aristocráticos montes do Douro, e nem o picado só da Austrália, na ânsia de se medicar até conseguir a saúde alogueada do nosso vinho do Porto, o assemelha.

É como o vinho do Porto é solicitado todos os dias em todas as terras onde haja *brés* e *café*; e cafés e «cabarets»; e como estes são muitos e aqueles se multiplicam por mil — o seu consumo devia produzir anemias aos armazens e nunca saçar *superavits*, provocadores dos prejuizos daquela região abençoada pelo Sol, que o Sol é a imagem de Deus em luz e em ouro. Portanto em redor de tão valorosa riqueza esvoaçam os exames dos cubiceiros. Falsificam-se o vinho do Porto em todo o mundo — com a emoção de quem fal-

sifica notas, ou moedas ou joias. O resultado é o mesmo — e o perigo muito menor. Um dia, em Haia, no restaurante onde Benollet e eu comemos durante quinze dias — o patrão, ao saber que iam partir, quis ter a galantaria de nos oferecer uma surpresa. Essa surpresa era uma mixórdia que sabia a farmacia. «Que tal? — indagou o gentil holandês. E acrescentou: «Como sabia que eram portugueses arranjei-lhes esta garrafa de vinho do vosso país — de «Port-wine». — Apesar da gratidão — não pudemos calar a nossa revolta. — «E' mñto saboroso — mentimos — mas não é vinho



Os rotulos falsos do falso vinho transformam-se magistrosamente em boas notas de banco

do Porto.» O homem abespinhou-se... «Perdão... E' e do autêntico». Se estava no rótulo: «Port-wine-Bordeaux... Bordeaux e «Port» era para éle a mesma coisa. E assim se compreende a facilidade com que os mixordeiros dalém fronteiras enriquecem, empregando xaropes com o rótulo dos nossos vinhos. Mas mais grave do que êsse lugar comum repelidíssimo é o que vos vou narrar, porque vos vou dizer em primeira mão o que é o negócio secreto de «portugueses» que colaboram com êsses falsificadores...

A CAUDA ENTALADA

Não sendo homem de fetiches e de engulidos — creio nessa «martingala» do Acaso a que os matemáticos podiam chamar o «ritmo das coincidências». Creio mais: creio que estudando até à loucura essa mecânica subtil se chegará até ao milagre científico de se profetizar, todas as semanas, o número da sorte grande. Mas não indo até êsse prodígio e terraplanando pelas acicências

mesquinhas da vida — concluo que não há criminoso, por mais habil, previdente e prudente, que não seixe a cauda entalada. Aquêl «grand-seigneur» de Vila Nova de Gaia, ante o qual me curvo, reverentemente, porque a inteligência é um dom que me merece sempre aplauso, descobridor, busco e exploro sabiamente a sua «martingala»... Mas — cá temos a cauda entalada — nunca confiou com o «ritmo infalível da coincidência» que fez com que eu...

OS RÓTULOS

Em finais de 1929 — tive preciso, bem explicavel em mim, de entrar numa tipografia. Essa tipografia estava montada numa cidade provincial. Havia uma pequena «Minerva» imprimindo rótulos. Relanceei naturalmente a vista e fui picado por uma leve agulha — «Portugalia» — «Vinho do Porto Legítimo» — «1830» —; e em baixo, em caracteres desuados para estas indicações: «Tipografia Z... Na tal... Porto... Primeiro — nunca vira Portugalia» com y; segundo, para quê mentir, dizendo que os rótulos eram feitos de admnistração, destinada exclusivamente a falsificar — estavam todos impressos na provincia? Ficou arquivada a ficha, num esconço da memória onde raramente vou — até que, meses depois, por um acaso, recordei em voz alta o episódio e alguém me revelou o segredo do negócio e da fortuna do «grand-seigneur» de Vila Nova de Gaia.

Existem autênticos *trusts* para a burla do vinho do Porto em quasi todos os países da Europa. Na própria Romania — passem-se! — existe uma companhia organizada, com acionistas e conselhos de admnistração, destinada exclusivamente a falsificar o vinho do Porto — segundo o relatório do caixeiro viajante numa autêntica casa exportadora de Gaia. O «grand-seigneur» de Gaia foi também, em tempo, «comis-voyageur» de vinhos no estrangeiro — e como não é tólo descoberto o fillo. Em vez de protestar e de denunciar aos seus patrões a existência desses *trusts* e os seus mecanismos — preferiu transaccionar, pactuar com êles... O seu primeiro negócio data de 1920. Foi sempre o acaso a ritmar-se — uma encomenda de rótulos. Convinha a um m.ordeiro de Viena ou de Bruxelas «rótulos» autênticos com a nota dum tipografia portuense. — Este primeiro passo para a «pequena tração» illumino-ho e espirito... A partir de então, montou escritórios, sucursais, armazens... Fornece aos falsificadores todo o material que êles necessitam — e tudo o que elles possam servir — a seus clientes — para que estes lidarem e burlem os compradores e os convençam que estão adquirindo «autêntico vinho do Porto» — desde o velho rótulo até à papelada da alifandea...

Disse que o «grand-seigneur» de Vila Nova de Gaia tem escritórios, armazens e sucursais em Lisboa. Portanto tem pessoal às suas ordens, colaborando nas suas «martingalas»... E — pergunta o leitor — como é que esse pessoal não cometeu ainda uma imprudencia que o perdesse. Muito simples... É que éle precisava de mascarar o seu negócio secreto — para explicar a sua fortuna. Os escritórios, armazens e sucursais — são habilitações; são máscaras. Toda a mecânica da sua tração é manobrada no gabinete do seu palácio. No resto tem secretarias (mesas), máquinas de escrever, telefones, tabletas... e *gromms*. Se alguém, por acaso, atraindo pelas tabletas, subir aos seus escritórios ou bater à porta dos seus armazens, encontra apenas uns garótos que lêem «Sherlock Holmes» e mastigam pão seco... «O patrão está fora...» — São estas as respostas infalíveis que se obtêm.

Bem dizêdo o pobre Afonso de Bragança: «Nunca a imaginação dos sábios se abicará na mesma agudeza de certos crápulas buscando formas subitas de burlar o semelhante.»

COMO SE MORRE EM LISBOA ESTATÍSTICAS ASSUSTADORAS

Tomaz
D'Almeida

CONFESSO abertamente que prefiro um copo de vinho goleado em adéga ou *tasco* lóbrego a um *cocktail* bem vascolejado, sorvido por palhinha sobre a cumeeada dum d'esses bancos de bar à americana, bancos arranha-céus, que os americanos inventaram num acesso agudo da epidemia que os avassalava antes da lei seca — a megalomania de novo rico.

Entretanto não odeio o *cock-tail* nem desprezo sistematicamente as bebidas caras... o caso é que mas paguem; mas com o que eu não transijo é com os chásinhos de várias ervas e muito menos com o leite com o que os infantes de hoje pretendem regenerar o sangue desrorado por cruzamentos mulatoídes e praticas onanísticas de antepassados místicos e avós negreiros.

Sou do tempo em que as orgias eram factos consumados entre indivíduos de sexos nitidamente diferentes. O fado era descabelado, trágico ou irónico, funebre ou pornográfico, mas sincero e grande no seu desregramento... ainda não se previa que pudesse vir a ser doseado em discos por sábios doutores.

Isto dito, creio ficar justificado o meu costume de ir até sitios inverosímeis na esperança de topar com uma pingoleta que me mate saudades adoçando-me a goela.

Nas vizinhanças dos cemitérios costuma aparecer boa pinga.

Ora naquele *tasco* vizinho ao cemitério do Alto de S. João encontrei um *Cartaxo* de a gente se desbarretar e um coveiro delicioso, filósofo, moralista, estatístico e jovial.

Um Yorick rotundo e córado, de aspecto fradesco que destoava daquela fardeta municipal de funcionário zeloso.

Copejava e dizia irreverências: ao cemitério chamava *cortiço*, às flores *hortaliça*, aos jazigos *chalets* e aos ciprestes *guardas-nocturnos*.

Tirava o chapéu aos calceteiros, tratando-os por Sr. Doutor e aos médicos chamava calceteiros para confirmar o velho conceito de que tanto uns como os outros mascaram com terra as suas más obras.

Coleccionava, segundo me afirmou, todas as locais e artigos necrológicos do *Diário de Notícias* e assim, antecipadamente, conhecia o *funcionario*; isto é: sabia quem era o morto com quem tinha que lidar.

Pitoresco, o meu amigo coveiro!

ESTATÍSTICA MACÁBRA

Preguntei-lhe entre dois copos como se morre em Lisboa e a sua resposta foi esta: «com falta de vida».

Expliquei-lhe melhor a minha curiosidade e insinuei-lhe mais um copinho e outro e vários até que, perfeitamente lubrificada a sua goela, entrou em confidências.

— Fique sabendo o meu amigo que a maioria dos *funcionarios* que entram para o *cortiço* vêm por engano.

— ?!!

— Engano do *calceteiro*... Os que vêm pelo seu pé, quer dizer, os que se suicidam...

Puxou duma agenda e atirou o número: «seis décimos por cento».

— E desastres?

— Ainda menor percentagem... e sabe que há várias espécies de desastres... Tenho aqui isto catalogado. Quere números?

Como a estatística não me interessava capitalmente, esmiiçou apenas os diferentes modelos de desastre por ordem de valores decrescentes: Desastres ferroviários, revolucionários, de viação acelerada e lenta; desastres de trabalho de várias espécies, como baileus mal seguros, barreiras que caem, explosões, etc; desastres desportivos, com armas de fogo, e tantos outros, mas a que só dava o *valôr* de desastre quando a morte era fulminante, pois que se junto do sinistro havia interferencia de médico isso já era outra coisa.

— Quando entra o *calceteiro* está tudo estragado!

«MÉDICO-FOBIA»...

O meu homem tinha verdadeira aversão aos médicos e explicou-a.

A mulher adoeçera-lhe com uma nascida dentro das tripas, dizia um médico, com um pulmão avariado, dizia outro, e outro ainda optava por um cancro no fígado.

Tanto discutiram à beira da cama da doente que ela ia morrendo de medo. Mas não bastava ainda: ranchos de estudantes capitaneados pelos *calceteiros*-mestres quasi que se engalinhavam para demonstrar a infalibilidade dos diagnósticos.

— Um belo dia, para tirar dúvidas, re-



Uma trindade sinistra...

solveram abri-la. Aquilo começou em operação e acabou em autopsia... e sabe o que ela tinha? Um fêto de três meses no ventre... Isto foi no Hospital de S. José em 1916... Lá está na vala do S. João.

«Desde que sou coveiro ponho-me à cóca das conversas dos amigos e parentes do *funcionario* e raro é não ouvir a mesma coisa: ainda estava para durar muito tempo mas tanto variou de remédios que morreu.

«E' claro: os *calceteiros* andam às apalpadelas e para não darem parte de fracos entram a fazer *experimentos* nos corpos da gente...»

Mais um copo bem servido e continuou:

«O que eu oiço! Ainda um dia destes ajudei a meter no *chalet* uma *funcionaria* de vinte anos, filha de gente rica, que morreu de uma nefrite (ou lá o que é) porque o médico da casa teimou até ao fim em que aquilo era *uma coisa qualquer* de bexiga devida a uma irregularidade menstrual.

«Não sei se os *calceteiros* podem fazer confusões destas mas eu ouvi isto e dou-o pelo mesmo preço.

«Tenho em casa más cadernetas com estas, cheias de coisas que oiço... Ai tem o meu amigo a razão porque afirmo que a grande maioria dos *funcionarios* vem para o *cortiço* por engano.

— Mas isso não pode ser. Bastava que um médico, um *calceteiro* como você diz, fizesse uma coisa dessas para os outros lhe saltarem em cima.

Yorick de fardeta quasi se engasgou com o copo de vinho que bebia, tal foi a gargalhada que lhe subiu à garganta.

— Os outros saltarem em cima? O meu amigo é trouxa!

«Eles só dão «bazanada» quando aparece algum que invente coisa de monta para bem da gente... Veja o que fizeram agora com o Assuro!»

«Desgraçado do médico que inventasse ou descobrisse o remédio definitivo para

O SEGRÊDO DE TERESA

RESPEITANDO o pudor do pequeno elenco real, verídico, deste episódio — aliviando as personagens os pseudônimos que melhor se adaptam às suas verdadeiras personalidades, Lisboa inteira os conhece. Ele, Mario Bettencourt, moço da melhor sociedade, embora pouco transigente com os seus costumes e tolerâncias; ela, Teresa Novais, uma actriz que mal teve tempo de ofuscar as ribalbas com o esplendor de uma insosfervível vocação. Herdeira de um nome que os cartazes há mais de meio século exibiram, justificadamente, desde muito nova que se habituara à ideia do Teatro. E logo que em plena puberdade o seu copinho gentil se arredondou de modo a que, da plateia, não a julgassem ainda na meninice, arrebatou das mãos dos seus «maiores» um papel e uma oportunidade para se estreiar. Os críticos, que, como os juizes, vão para estes julgamentos melhor dispostos a condenar do que a absolver, atontaram-se com o imprevisto talento da recém-Dir-se-ela que o génio dos seus antepassados, recebido nas veias pelo tributo do sangue, nas veias rendera e amehalhar um juro exorbitante, ultrapassando todas as profecias. E quando entre a gente de Teatro, os «de dentro» e os «de fóra», juravam o nascimento de uma «vedette» superior a todas, com uma carreira que só conheceria triunfos — eis que Mario Bettencourt, pilão, trémulo, emocionado com um colegial ante a primeira ilusão, pede para ser apresentado a Teresa...

O casamento

A essa apresentação assistiram um dramaturgo máximo da moderna geração — O V...; um jornalista lustre, — A...; um actor da Companhia — E...; e todos tiveram um sorriso irónico. Pobre moço! Aquela recém-actriz amava demasiado a sua arte para se deixar seduzir pela promessa burguesa de um amor de novela.

Foram mais profetas. Mario estava arruinado — porque arruinados estavam os pais quando ele nasceu. Vivia com uma modesta doforda, graças ao seu ordenado numa casa comercial; Mario não era desses hajójos prontos a todas as transigências — conquanto atinjam o coração cubilejo. Mario era, por todas as razões — até pelas físicas, bem contrárias às que Teresa confessava idealizar — o homem com menos probabilidades para vencer aquela batalha que, em qualquer caso, era

considerada por todos como inevitável. Mas em amor não há leis... A tudo se sujeitou Teresa: a abandonar os seus sonhos de glória; o triunfo e a fortuna que a carreira lhe assegurava; a liberdade e a Independência que a sua arte lhe garantiam. Casou; despediu-se do palco e foi viver para um lar que, nem sequer se nivelava, em comodidades e em luxo, ao que deixara em casa de seus pais...

E os mesmos profetas previram um péssimo remate «àquela loucura»...

O primeiro fel

— Não calculas o que eu sófro por vêr que, a-pezar-de todos os meus esforços, não consegui ainda uma situação que me permitisse oferecer-te o conforto e a existência a que tens direito; a que tu te guardarias se não me tivesses amado...

Esta lamentação repeti-a Mario muitas vezes — sempre que surpreendia Teresa com o olhar perdido num extasi melancólico e talvez nostálgico. Mas logo Teresa se transfigurava e acariando-o jurava-lhe que estava muito longe daquelas preocupações e que se sentia contente só com a ventura que o amor de Mario lhe proporcionava. Mas Mario amava demasiado Teresa para estar livre de ciúmes e Teresa era demasiado bela para não despertar a gulseimia dos tenórios sem escrupulos; e estes, demasiado experimentados para deixarem passar qualquer oportunidade em que pudessem envenciar aquela atmosfera de paraíso. E as insinuações iam, pouco a pouco, afinando o coração de Mario... que Teresa era bela; que longe ia a época em que o amor se bastava a si próprio; que uma mulher como aquela não podia dispensar os luxos e prazeres; e que já era bondade sua o recordar o seu talento de actriz representando, até o convencer, que o amava ainda...

Mario continhas-se; já mais deturam, transbordando, frente a Teresa, o seu cálice de fel... Mas, sofria — sofria horrivelmente. E o dia chegou em que esse martírio tomou formas nítidas e objectivos claros...

O drama

— Tem confiança em mim, que o primeiro passo, hei-de conseguir um lar e um bem estar com tu sonhas há muito oferecer-me...

E como ele a interrogasse, intrigado, acrescen-

tu: — É mais para ti do que para mim. É que te dar-te o sossego que mereces... E para não te atormentares com a equívoca ideia de que a nossa existência não me satisfaz. E a partir desse dia o tormento de Mario evoluciona num ritmo vertiginoso e infernal... Teresa parecia transformada numa felicitosa cuja varinha fada nascer do nada nada quanto o estava ao conforto e à fôldio daquela existência. Como se Mario fosse uma criança, ela preparava um ambiente especial para cada surpresa, velando-lhe os olhos com as diademas mais entrelaçadas e só o libertando frente à nova aquisição. E ao vê-lo atontado na contemplação da «novidade», ria-se, palmejava, revivoltava-se, beijava-o louca de alegria. E era essa alegria o que a matruaveva mais brutalmente na alma de Mario... As insinuações dos intrigantes, a ciumeira legítima do seu amor e o mistério daquelles bruxedos, — mistério visto que o seu orçamento era o mesmo e ele não podia compreender que Teresa fizesse economias suficientes para explicar aquelas compras — tudo se harmonizava para que as suspetas se dilatassem... Teresa enganava-o; Teresa fatigava-se daquela mediocridade; procurava uma forma hábil, *histrionica*, teatral, de ocultar a proveniência do dinheiro necessário para tanto luxo... Um amante ou vários amantes lhe pagariam, por alto preço, as caricias que só a elle pertenciam. E com que sacrificio êle se dominava, acalentando aquela dúvida que é a tábu dos naufragos que caem no mar alto do ciúme...

A tragédia

O boato correu com insistência por toda Lisboa, acolhido com passo pelos bem intencionados e com sorrisos triunfais pelos que tinham profetizado sempre um mau fim àquela matrimónio. Mario ia divorciar-se de Teresa... Era, pelo menos, o que afirmavam os íntimos. De facto, aquele idílio de eterna lua de mel metamorfozara-se em um continuo mal estar. Mario, sem coragem para lhe dirigir uma acusação amarga, para a qual não tinha provas, expandia a sua dor numa impertinência continua, substituindo as antigas ternuras e gentilezas por violências e desrespos e insultos sem termo. Teresa não alcançava a causa daquela mudança de caracter, e como amava cada vez mais — chorava, multiplicada, pedindo a Deus que o levasse... Mas, na fé que estivesse nas suas mãos o milagre, multiplicava as suas surpresas — sem saber que cada «surpresa» era um agravamento ao mal estar da sua vida.

Desvenda-se o mistério

Um dia Mario resolveu seguir Teresa. Viu-a dirigir-se ao Largo do Intendente n.º 2... Sentiu-se então sacudido por uma emocionada alegria. E mal ela saiu, chamou-a:

— Teresa! Teresa! perdão! Eu duvidava de ti! Duvidava precisamente porque não compreendia o segredo das tuas surpresas. Agora é que eu vejo que não és só uma esposa bela e carinhosa; és também uma mulherzinha inteligente e prática. Fazias sempre e exclusivamente as tuas compras nos estabelecimentos que têm «Bonus Comercial...». E assim, sem aumentares as tuas despesas, conseguias juntar os bonus suficientes para ires embelezando a nossa casinha... E como eu não podia adivinhar êsse segredo, e como todos os objectos que tu desentavavas se me afiguravam de alto preço no seu valor artístico e como não me exigias dinheiro algum... supus — o que não quero nem recordar. Perdão, Teresa!

E os intrigantes ficaram de orelha murcha quando lhes disseram que a paz voltara àquela casa de sempre noivos...

ODETTE

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

o cancro ou para a tuberculose. Saltavam-lhe todos em cima, sim, mas para o desacreditarem... E' que *êles* fazem parte, *todos*, de uma maçonaria especial. Odeiam-se uns aos outros, não admira, são oficiais do mesmo officio; mas se vêem um colega, um outro *calceteiro*, não um médico, em maus lençois, todos se unem na sua defesa e são capazes de demonstrar por autopsias sucessivas que o *funcionario* é que teve a culpa de morrer, ou a família, ou os amigos... o diabo que os carregue que mataram a minha companheira...»

AFOGANDO MÁGUAS...

Começava o período da tenura. Daí ás lágrimas não ia um passo. A lingua já começava a entamarrelar-se.

Foi á porta, respirou fundo, limpou o suor, esticou as pernas e num repêlho, com que a varrer uma ideia-arreanha, dessas que pacientemente tecem uma

teia, dia a dia, minuto a minuto, inextricavelmente, uma ideia-algoz que se mete dentro da cabeça não só dos coveiros mas de muita gente, num repêlho, dizia, veio ao balcão e ordenou: «Um policia — sinaleiro»...

...Era um calice de bagaço que fazia o sinal de paragem á entrada de mais vinho.

— Só há uma coisa em que obedeco aos calceteiros.

!!?

— Desde que me proibam o uso de bebidas brancas, nunca mais bebi leite!



O VAMPIRO DO SANGUE REAL

(Continuação da pag. 9)

façanha do cavaleiro... O vidro da vitrine tinha sido torto com diamante e a cigarrinha desaparecera. — Só pôde podar ter sido o gatuão... Conhecedor os cantos à casa — passou à sala das coleções enquanto eu me preparava para recebê-lo e agir rápida e habilmente — como um profissional.

O SEGRÊDO DO VAMPIRO

«Precipite-me. Queixe-me à polícia. Mas, segundo todas as investigações, o conde de Montclair partira para Paris... Pelo menos era esta a informação da Avenida Palace... Dispunha-me já a ir-lhe na pegada quando alguém a quem eu havia apresentado me denunciou — foi visto em S. Vicente. Foi a S. Vicente e o pessoal não só me deu conta dele como me assegurou que o sujeito cujos traços indicava era frequentador assíduo dos tumulos. Três dias e esperei em vão, acompanhado dum agente do Governo Civil. Ao quarto surpreendemo-nos a rondar os caixões... Foi preso, O senhor muito novo e provavelmente não se recorda do escândalo que isso fez. Um diário da tarde encheu colunas. Mas como eu não quis nunca divulgar o verdadeiro roubo — o que ficou na memória do público foi um tal «conde de Montclair que escamoteara uma coleção de sélos a um médico — e mais nada.»

«O cavaleiro nem parecia o mesmo. Tremia como sob o escaldado de uma febre africana — não sei de modo se de raiva. Confessou a proeza; confessou que fora obrigado a ficar em Lisboa mais uns tempos e que por isso mudou de hotel. Recusou-se a dizer o esconderijo da cigarrinha — jurando que já a expedira para França; mas como a polícia acabou por descobrir a casa onde se hospedara — conseguiu revê-la, influiu depois para que o pusessem em liberdade. Mas de tudo este episódio o que me intriga, o que me desorienta, o que me enloquece, é o segredo desse homem, o segredo da sua ansiosa ambição em possuir a cigarrinha do desventurado príncipe, mas a minha... É porquê a minha e não a do general A...?»

O SANGUE ESCAMOTEADO

O Dr. Augusto Eduardo Gouveia de Azevedo e Silva calou-se uns minutos. Depois, franzindo o sobrolho, erguendo-se e obrigando-me a seguir com um... «Ora venha comigo», apenas murmurado — levou-me de novo à sala das coleções, abriu todas as luzes, escancarou a vitrine e retirando de cima da almofada de séda a cigarrinha entendeu-me — sem nenhuma das cautelas fanáticas que antes empregara:

«Veja, meu amigo, essas ligeiras manchas sobre o esmalte e sobre a coroa... Sim. Notamos logo... E o sangue do desditado príncipe sacrificado... Mas o que me intriga, o que me entontecia, o que não me deixa sossegar há dezesses anos, é precisamente esse enigma... A última vez que eu contemplei a cigarrinha, antes do roubo, eram mais numerosas, mais alavetadas, mais vivas essas nódoas... Quando «ê» — já duas tinham desaparecido. Quando «ê» — me pediu para ficar sózinho no gabinete do comissário e uma devolveu minutos depois — já as manchas de sangue tinham perdido espessura e intensidade de cor... Como se explica isto, senhor! E? O que eu pergunto há dezesses anos — e nunca encontrei quem me desse uma hipótese sequer...»

O SANGUE DE LUÍS XVI

Foi em 1924 que eu falei com o Dr. Augusto Eduardo Gouveia de Azevedo e Silva. Nunca mais o tornei a ver nem a ouvir falar dele. Entre essa entrevista e o lèllao que não resultou na memória, quantos episódios, quantas confissões, quantas emoções, quantas histórias não escutei por esse mundo fóra! Não adaria pois a alguém mais dêsse pela existência dêsse capítulo da minha vida — no subterrâneo sombrio do meu esqui-

mento... Foi preciso que a morte o levasse — levou-o em 12 de Agosto último, soube-o agora — e que os herdeiros leiolessem as suas coleções para que esse episódio emocionante, que reproduz tão textualmente quanto o quis a memória, subisse à tona do papel de imprensa... Mas, senhores, o seu maior interesse não está no velho episódio da cigarrinha; está num outro que isoladamente nada me diria e que só agora, com a luz ejaculada pelo primeiro, tomou forma, relevo e realidades.

No primeiro número de Julho de «The Spheres» veio a notícia ilustrada de um estranho acontecimento: O Dr. Madgar Thompson, colecionador de preciosidades históricas, queixou-se à polícia de ter sido roubado, ao seu pequeno mas valioso museu, um lenço tragicamente célebre: o lenço que o Abade Cousin, aproveitando a confusão que se seguiu à execução de Luís XVI e subindo os degraus do catalão, empapara nas plôças de sangue do rei dos franceses. Como se sabe — vários historiadores o contam, entre eles James Ruf, no seu «The little tragedies of the great tragedy» — o Abade Cousin, a quem o fanatismo monárquico levou a praticar esta proeza... repugnante aos nervos sensíveis, teve testemunhas, foi perseguido, sofreu tratos de polé, escondeu-se, fez longas caminhadas a pé até que, dois anos depois, chegara pouco são, mas salvo de todo, a Inglaterra e com o lenço bem guardado. Pela morte do Abade a reliquia foi passando sempre aos seus herdeiros e aos herdeiros dêsse até que, em 1860, um tal Arnaud Cousin, poeta hómido, se deu ao tentar pelo pinhado de dólares dum americano e o vendeu. Durante mais de vinte anos ignorou-se o paradeiro do lenço; mas nos finais do século surge nas mãos de... Burn, o célebre empresário de circo, que depois de o exhibir a tanto por cabeça o cede a um dalgas frances, que resgata, indignado, a reliquia de sangue real da sua missão de artista de circo. Mas o sacrifício dêsse fidalgo arriuou-o e de novo o vende a um inglês; e êste a outro; e êste outro ao Dr. Madgar Thompson, colecionador.

Segundo «The Spheres» — êste misterio policial tem sido ridulosamente explorado até a serena e acolhido pelo público com entusiasmo — com aquêl entusiasmo que os ingleses dedicam a tudo quanto se assemelhe a «Sherlock...»; e acrescenta aquela ilustração londrina — Madgar Thompson, sem pretender ferir os seus amigos, atribui a qualquer visitante seu o roubo, visto que, nas circunstâncias em que êste foi praticado — só um «intimo» da casa o podia fazer...»

UMA RÁPIDA DEDUÇÃO

Preguntam, pela certa, que ligação existe entre essa notícia de «The Spheres» e o episódio narrado e porque, ao recordar êste, outro se ilumina no meu espírito... Resposta: logicamente, o único valor que a cigarrinha do velho médico oferecia ao conde Montclair era o das nódoas de sangue. Perguntá? Sei lá... Mas outro interesse não se explica, visto que êle encolhia os ombros ante a outra cigarrinha, a do general A... que não estava manchada de sangue... Ora sendo assim — o segredo dêsse interesse não pode ser limitado à cigarrinha ou seja ao sangue do príncipe Luís Felipe. É preciso generalizá-lo a todos os sangues reais para se começar a perceber algô dêsse enigma... E quem apresentou ao velho Dr. Augusto Eduardo Gouveia de Azevedo e Silva êsse misterioso fidalgo italiano? Foi Thomas Lipton — o rei do chá. E quem apresentou Lipton ao Dr. Augusto Eduardo Gouveia de Azevedo e Silva? Foi o antigo condopidulo dêsse, o famoso médico inglês Dr. Madgar Thompson. Nada mais legítimo do que supôr que o Dr. Madgar Thompson, sendo amigo de Lipton, recebeu em sua casa o conde italiano. E sobre quem o médico inglês lança suspeitas de ladrão do lenço ensanguentado? Sobre qual pessoa das suas relações?

Um lenço com sangue de Luís XVI da França... Uma cigarrinha com sangue de Luís Felipe de Por-

COMO FOI PRESO O GUNGUNHANA

(Continuação da pag. 5)

reiras justo é, no entanto, prestar homenagem.»

UM GESTO NOBRE DE MOUNSINHO DE ALBUQUERQUE

Domingos Carneiro, após uma longa pausa, ainda emocionado pelo relato dêsse grande momento da nossa História, proseguiu, mais calmo:

«Gungunhana foi preso. Parece-me ainda estar vendo a sua figura: muito negro, forte, atlético, grandes olhos que rolavam investigadores, velhos, uns setenta anos talvez, marchava com facilidade. Mousinho de Albuquerque disse-me então: «Cabo Carneiro: Tome conta do preso. Ordene marcha forçada, porque se faz noite e podemos morrer neste êrmo.»

«Iniciámos a marcha. Gungunhana, porém, não saía da cadência do seu passo inalterável. Quis obrigá-lo a andar mais depressa — e nada conseguiu. O monstro a nada se movia. Não me contive e, louco de colera, agredi-o a pontapé. Mousinho interveio logo, enérgico. Não devia bater no preso. «Cabo Carneiro — advertiu-me êle, severo —, é um rei!» Para castigo bastava-lhe a prisão e a queda do seu trôno.

Grande alma era a daquele militar, que mesmo nos momentos de maior exaltação sabia proceder com nobreza.

Domingos Carneiro, ao chegar à Europa, foi premiado com a Torre e Espada. E agora, em Fátimã, aguarda serenamente a morte que vem longe ainda, recessa talvez de enfrentar o herói que não a temeu nos matagais onde reinava, com seu poderio absoluto, o célebre Gungunhana.

REBELO DE MESQUITA

tugal... Entre duas trágicas recordações semelhantes — o mesmo homem!

O VÍCIO DUM LOUCO?

Êsse homem deve ter um segredo — o segredo horrível de uma horrível tara! Busca objectos que tenham sangue real... Não me esqueci ainda daquelle remate do velho médico — no qual recordava o desaparecimento dalgumas das nódoas sangrentas da cigarrinha, sem querer sequer insinuar o que o seu espírito lhe segredava com declinação do enigma... E êsse detalhe produz em mim o efeito dum revelação...

O vampirismo não é uma lenda medieval. Os psiquiatras têm-no registado nos seus compêndios de anomalias psíquicas. Mas êste, se é de facto vampiro, que estranha tara a sua para o levar a semelhante obsessão... Vampiro de sangue real! Porquê? Qual o início dêsse desequilíbrio? Ódio? Amor?

Nunca se saberá. Como nunca se poderá saber quantos objectos com sangue de reis e de princesas terá êste homem obtido para saciar o seu vício de louco!

REPORTER X

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

*Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes na
Província de Angola, por concessão do respectivo Governo*

Séde Social: LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12-2. — Teleg.: DIAMANG
Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

Administrador-delegado
Ernesto de Vilhena

Representação e Direcção Técnica em África

Representante
Coronel Antonio Brandão de Melo

Caixa Postal 347 — Teleg.: DIAMANG
LUANDA

Engenheiro-consultor
Mr. H. T. Dickinson
Dundo
LUNDA

Director-técnico
Mr. S. T. Kelsey
Dundo
LUNDA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS

Séde — RUA DO COMÉRCIO — LISBOA

Capital realizado: Esc. 50.000.000\$00 — Reservas: Esc. 67.000.000\$00

Filiais e agências no continente — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Fundão, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Régua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo António, Vila Real de Trás-os-Montes e Viseu.

Madeira — Funchal.
Açores — Angra do Heroísmo e Ponta Delgada.
Cabo Verde — S. Vicente e S. Tiago.
S. Tomé — Príncipe — Guiné — Bissau e Bolama.

Correspondente e agente geral em Angola e Congo Belga —
BANCO DE ANGOLA, com Filial em Luanda e agências em Santo António do Zaire, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango) e Kinshassa (Congo Belga).

África Oriental — Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane e Ibo.

Índia — Bombaim, Mormugão e Nova Géa.
China — Macau.
Timor — Dili.

Brasil — Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus.

Inglaterra — Londres.
França — Paris.

Estados Unidos da América — Agência em New-York.
Operações bancárias de toda a espécie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros.

COFRES FORTES PARA ALUGAR

NOVELA POLICIAL

Uma grande emoção literária todas as semanas!

Mistério! Imprevisto! Leitura empolgante!

NOVELA POLICIAL

Os melhores autores — 16 páginas semanais
Edição magnífica — Capa a cores

Preço 1 ESCUDO

Director: REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

BREVEMENTE:

NOVELA POLICIAL




Júlio Gorgal

Publicidade no **REPORTER X**

Tradução e organização de
catálogos, Cartazes, Toda
a publicidade artística e
comercial

↓

CARTA À DELEGAÇÃO NO PORTO
DO
REPORTER X